

DIMENSÕES FUNDAMENTAIS DA ANTROPOLOGIA DE FIDELINO DE FIGUEIREDO*

José Beluci Caporalini**

Fidelino de Figueiredo, em seus inúmeros escritos, preocupa-se com o homem e com tudo o que lhe diz respeito. A sua obra, sem deixar de se preocupar pelo aspecto estético, tem uma conotação social que leva o pensador português a analisar eventos, culturas e sociedades que conduzem a uma compreensão profunda do homem, legando assim uma verdadeira antropologia filosófica.

Para o escritor português cultura é: "(...) o fim da vida e o seu valor, identifica-se com a liberdade na sua acepção mais transcendente: ser cada um quem é, em plena liberdade e de acordo com um quadro de valores absolutos ou tidos como tais." (3:29)

Se a cultura torna a vida humana digna de ser vivida, então tudo que a desvirtue deve ser denunciado, no passado como no presente. Daí suas críticas à cultura intervalar - 1918-1939 - pois há muitos aspectos inautênticos e, conseqüentemente, desumanos por serem valores anticulturais, ainda que nem tudo tenha sido negativo nesse período.

A civilização não tem base orgânica - portanto não se transmite hereditariamente - e consiste na contínua desanimalização do homem: civilização e cultura, ainda que bem próximas, não se identificam.

A primeira "é o conjunto de usos, costumes, tradições e normas jurídicas, voluntárias e coercitivas que reúnem um grupo humano em convívio e regulam este convívio." (2:133)

A segunda é um complexo de saber, de arte, de filosofia, de ideais condutores, de tudo enfim que constitui a instrução desinteressada a respeito do homem e da natureza. (4:134)

Fidelino, ao contrário do que tende a afirmar Amorim de Carvalho, influenciado por Spengler, não advoga um término ontológico do complexo civilização-cultura. Ele interessa-se por essa problemática porque ela facultava-lhe uma maior compreensão do homem, desvelava-lhe o conceito onto-antropológico de **termatologia**, teoria dos limites, e possibilitava-lhe

* Síntese do Trabalho de Doutramento

** Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

mostrar o esforço contínuo, ainda que prometício, de autotranscendência do homem.

O homem nunca foi tão inteligente e ao mesmo tempo tão limitado. Nunca foi tão culto e tão bárbaro como no presente século; essa estranha simultaneidade explica porque o autor português procura entender em profundidade a ambivalência que jaz no íntimo profundo e dilacerado do ser humano. Isso não se origina fora dele, pois está nele e essa conclusão advém-lhe ao examinar o conceito de termatologia nas culturas e civilizações.

O problema da liberdade-determinismo mostra bem a natureza contraditória do ser humano que o escritor luso procura entender. Afinal o homem é ou não é livre no pensamento fideliniano? É livre mas só o é em termos, ou como diz Marjorie Grene a propósito da conclusão da analítica existencial heideggeriana: o homem é determinado ainda que livre, livre ainda que determinado. (5:460). Se o homem é livre, então é responsável pelo que faz ou deixa de fazer, face ao próprio homem e ao meio em que vive.

Daqui tem sentido falar-se em ética no pensamento do pensador português. Não pode haver dever se não houver liberdade. O dever ético fideliniano provém do ambiente cristão no qual se forma: de Herculano, com sua ênfase na liberdade do indivíduo; dos estóicos - a ética do escritor luso é uma ética em grande parte heróica - e de Kant com o seu imperativo categórico.

O intelectual tem deveres para consigo mesmo e o seu mister, para com a verdade e com os seus semelhantes. Se assim é, ele não pode calar-se, omitir-se ou falsificar a verdade **ad usum delphini**, pois ele tem que pautar-se por critérios absolutos e não relativos. Fidelino faz isso em seu tempo deixando um legado profundamente ético, e isto pode ser visto em sua árdua luta em prol da paz entre os homens.

A concepção ética fideliniana pressupõe a sua visão elitica da vida e do homem: é o escol que deve dirigir, ele é que é a alma condutora da massa ignara. Mas, note-se bem, isso não quer dizer desprezo dos humildes por parte do escritor português.

A posição fideliniana em relação à política, que decorre de sua concepção ética, tem dois aspectos distintos: em um primeiro momento ele adere, participa ativamente na política de seu país. Após a tentativa fracassada de um **Putsch**, em 1927, passa à compreensão do homem a nível político geral, mas jamais aderindo à política partidária. Por quê? Porque para ele a política partidária só dá um aspecto ínfimo da realidade, um caco, no seu modo de dizer, e o intelectual deve preocupar-se com o

todo da mesma, deve perseguir o absoluto e não contentar-se com o efêmero, o relativo e passageiro providos pela política.

A questão do absoluto aparece nos escritos do autor luso em seu aspecto literário, em relação à música e ao problema de Deus. Com efeito, o pensamento português é eclético por natureza e teodicéico por vocação, pois surge da confluência de três grandes vertentes filosóficas que privilegiam o tema do absoluto, a saber, a cristã, a muçulmana e a hebraica. (6:4). Fidelino não foge à regra quando em seus escritos aborda o problema, procurando ir tão fundo na questão quanto possível.

Mas, afinal, o absoluto fideliniano é transcendente ou imanente? Como tudo em Fidelino, uma simples resposta não satisfaz plenamente. É imanente e também transcendente. Imanente quando, aproximando-se da posição defendida pelo realismo moderado, de um Abelardo, de um Tomás de Aquino, diz que o gênero é um conceito, mas não deixa de conter certo grau de absoluto. (2:222-223). É imanente, ainda, em relação à música. Esta inspira muitas coisas inefáveis mas não aponta *per se* para o Absoluto pessoal. Não é o caso em relação ao divino: aqui o autor português aponta sim para o transcendente, o Absoluto transcendente, o Deus pessoal, mas o dos corações humildes e não o abstrato dos filósofos ou o de teologias bem elaboradas, como a católica ou mesmo aquele expresso pela dogmática protestante de um Karl Barth, por exemplo. Mas o escritor luso só aponta nesse nível para o Absoluto transcendente obedecendo sempre à sua teoria termatológica, baseada na gnosiologia kantiana.

No pensamento antropológico fideliniano pode-se não saber que ou quem seja esse Absoluto, mas sabe-se com certeza quem o procura: é o homem, esse eterno descontente de si e de sua situação, esse ser limitado e contraditório.

Esse aspecto dialético do ser humano pode ser visto quando Fidelino elabora a sua teoria do **homo duplex, animal ferox et si sapiens**. Em que consiste essa teoria fideliniana? No seguinte: tudo tem limites: as culturas, as civilizações, a gnosiologia, a criação de novos gostos estéticos. Tudo, enfim, tem limites. Por quê? Porque o próprio homem é um ser limitado. E o que é que mostra esses limites do ser humano? A própria história do homem, em particular as duas guerras mundiais e a guerra civil espanhola. Estes eventos nefastos mostram quanto mal o homem tem dentro de si; quanta violência e barbaridade que devem ser humanizadas, civilizadas.

Esse servilento produz, pela técnica, grandes maravilhas. Acontece que a técnica nem sempre está a serviço das causas maiores do gênero humano. O homem usa a sua inteligência - o que ele tem de mais nobre -

para matar os seus semelhantes. Fidelino observa estarrecido que não há paralelismo entre progresso técnico e progresso moral.

Mas esse ser tantas vezes violento é absurdo? Deve-se sentir náusea dele? Não, absolutamente não, diz o pensador português. O homem que faz o mal também aspira à santidade e deseja contemplar Deus, ou seja, há alternância entre ambos os hemisférios: ora domina o feroz, (trunfo do mal) ora o sapiente (trunfo do bem) numa luta que nunca terá fim.

MORTE: O PROBLEMA DOS PROBLEMAS

A morte ocupa um lugar especial no pensamento fideliniano e é considerada desde uma dupla perspectiva. A primeira é algo mais externa; é a época da pedagogia da morte, na qual procura ver na morte algo "natural", a passagem da vida para a não-vida, em que o ser humano cessa definitivamente de existir, exceto na memória dos outros, pelos seus feitos, trabalhos e progénie. É uma concepção poética, ainda que séria. É a época que o próprio escritor português procura pensar e preparar-se para a sua própria morte.

A segunda perspectiva refere-se à época em que é golpeado por um problema pessoal: alguém bem próximo a ele - a sua filha - falece subitamente. O pensador luso olvida-se de seus sofrimentos pessoais e protesta violentamente por essa **anatrofia tanatológica**, por essa inversão dos eventos quando o pai tem que ver o passamento da filha.

Essa nova atitude face à dor fará com que ele medite mais profundamente ainda, procurando sondar o insondável e contradizendo-se: aceita a morte para si, mas não para os seres que ama, logo, não aceita a morte sem mais.

Mas Fidelino termina no nada anontológico e radical ou deixa possibilidade de uma saída para o transcendente? A sua é uma posição niilista ou não-niilista? Os textos fidelinianos provêm material para ambas as interpretações, mas o pensamento do escritor português, no seu todo, leva à leitura ontológica ou da permanência no ser. Esta leitura é mais condizente com o pensamento fideliniano, pois, de não ser assim, o próprio do homem seria ser menos que homem e isso falsificaria o seu pensamento.

Isto dito, qual é o fio condutor das idéias fidelinianas? Qual é o seu ideário?

Fidelino esposa um ecletismo com um duplo aspecto, a saber: o neopositivismo e o neo-hegelianismo.

O positivismo manifesta-se em seu credo nas ciências da natureza, na sua busca em fundamentar os seus escritos - na medida do possível - nas ciências naturais. Não se trata de um positivismo do tipo seguido por Teófilo Braga, sectarista, dogmático. Não é isso. É um positivismo que está aberto à problemática metafísica, daí ser chamado de positivismo metafísico, por Amorim de Carvalho.

O neo-hegelianismo manifesta-se, via Benedetto Croce, quando o pensador português concebe a verdade como algo que aparece à medida em que os seus pensamentos vão sendo formulados, à medida em que os seus escritos vão surgindo, ou seja, a verdade é algo eternamente em formação.

O cristianismo latente, herdado da grande tradição cultural portuguesa, manifesta-se nessa busca contínua, nesse ver e pensar tudo em termos absolutos.

Platão faz-se presente em relação ao problema da verdade como desvelar progressivo pela mente humana e os estóicos, pela atitude de resignação ante a dor, o mal e a morte. Kant, por outro lado, permeia a ética e a gnosiologia fidelinianas.

Ao se afirmar isso, contudo, há que se ter em mente o fato de que as bases teóricas do pensamento fideliniano não são justificações suficientes desse mesmo pensamento e que Fidelino detesta o que chama de espírito de partido, sentindo-se feliz e livre por não pertencer a nenhuma escola de pensamento.

Uma palavra final. E as contradições em seu pensamento, como se explicam?

Fidelino não é um filósofo no sentido técnico-profissional. É um pensador como Unamuno o é. Ele mesmo justifica o problema das contradições em seu pensamento dizendo que:

"(...) quem vive intensamente pode ter o direito da contradição, se lhe sobrepõe a unidade interna da sua consciência, a unidade de um mundo vivo de vida misteriosa, em luta com outros mundos igualmente impenetráveis." (1:93)

Na medida em que Fidelino de Figueiredo procura a verdade continuamente é que ele é coerente. Ele não tem a preocupação de ter uma coerência interna, custe o que custar.

Ao priorizar em seus escritos o tema do homem e a ascendência do espírito, o pensador luso toca em pontos polêmicos e de extrema importância para a compreensão desta difícil problemática aporética; aporética porque tal é a própria condição humana.

BIBLIOGRAFIA

1. FIGUEIREDO, Fidelino de. *Antero*. São Paulo: Departamento Municipal de Cultura, 1942. (Coleção do Departamento de Cultura, 26).
2. _____. *Últimas aventuras*. Rio de Janeiro: A Noite, s.d., (1942).
3. _____. *Cultura intervalar*. Coimbra: Nobel, 1944. (Biblioteca de Ensaíos, 7).
4. _____. *Diálogo ao espelho*. Lisboa: Guimarães, s.d. (1957). (Coleção Filosofia e Ensaíos).
5. GRENE, Marjorie; HEIDEGGER, Martin *The Encyclopedia of Philosophy*. Paul Edwards, Ed. New York: Macmillan, 1975. v.3.
6. RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. Entre a tradição e a modernidade. In: *O Estado de São Paulo*. 09/09/1984, p. 4.